



O USO DO TELEFONE CELULAR EM SALA DE AULA: O OLHAR DE DOIS ALUNOS-PROFESSORES

Marcus de Souza Araújo
Universidade Federal do Pará (UFPA)
marcusaraujo@interconnect.com.br

RESUMO:

O objetivo deste estudo de caso é apresentar o olhar reflexivo de dois alunos do curso de Letras-Inglês a respeito do uso do telefone celular em sala de aula para fins pedagógicos. O resultado indica que o telefone móvel pode ocupar uma posição primária integrada às atividades desenvolvidas pelo professor no ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: *Telefone celular; Fins pedagógicos; Ensino-aprendizagem.*

ABSTRACT:

The objective of this case study is to present the reflective view of two students of an English-language teaching undergraduate program with the use of cell phone in the classroom for pedagogical purposes. The result shows which the mobile phone can have a primary position integrated to developed activities by the teacher in teaching-learning.

KEY WORDS: *Cell phone; Pedagogical purposes; Teaching-learning.*



0 Introdução

Ser-professor, com certeza, não se constitui tarefa fácil. Como toda profissão, conforme sinalizam Labra, Catasús e Avi (2015), e Pérez Gómez (2015), exige-se atualização para as possíveis mudanças, como, por exemplo, mudanças no ensino-aprendizagem, adequações para atender as necessidades e os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos em contextos sócio-histórico-cultural variados, adaptar metodologias e abordagens para conteúdos de ensino, entre outros fatores.

Nessa direção, o professor pode cada vez mais aprimorar seu pensamento e sua ação (LABRA; CATASÚS; AVI, 2015), cuja prática conduz necessariamente à criação de um conhecimento específico ligado à ação, sendo aquele adquirido por meio de o contato com a prática/ação (SCHÖN, 1995). Isso posto, Gómez (1995, p. 112) declara que “o pensamento prático do professor não pode ser ensinado, mas pode ser aprendido. Aprende-se fazendo e refletindo na e sobre a ação”.

Assim sendo, considerando a formação tecnológica de professores, o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014) divulga, em uma pesquisa realizada com professores a respeito do uso de tecnologias digitais em suas formações profissionais, que:

pouco mais da metade dos professores (52%) informou ter aprendido a utilizar esses recursos (*computador e Internet*) em algum curso específico [...]. A postura proativa do docente em relação ao desenvolvimento de habilidades também pode ser vista na forma de acesso a esses cursos de capacitação. [...] 78% afirmaram tê-los pago com recursos próprios, enquanto cursos oferecidos pelo governo ou secretarias de Educação são mencionados por apenas 22% dos professores. Ademais, quase metade deles declarou ter aprendido a usar o computador e a internet sozinho (48%) – proporção que atinge 55% entre os professores que lecionam o 2º ano do Ensino Médio e 58% entre aqueles cujo tempo de atuação como professor é de 6 a 10 anos. (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2014, p. 151) (*grifos meus*).



Essa pesquisa mostra que os professores estão mais interessados, dispostos em aprender e usar, com maior frequência, os recursos tecnológicos, seja no contexto familiar, seja no contexto escolar, razão pela qual não faz mais sentido falar de resistência desses profissionais para o uso das tecnologias digitais, nesses respectivos contextos. Os professores são os protagonistas do seu próprio desenvolvimento profissional (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2014).

Acredito, assim, que a escola e o professor precisam trabalhar conjuntamente, para que possam ocorrer mudanças efetivas na cultura do ensinar e do aprender (LABRA; CATASÚS; AVI, 2015). Os cursos de formação tecnológico-digital precisam levar o professor a se apropriar, efetivamente, dos novos recursos tecnológicos, para atuarem, como atores e produtores, nas práticas escolares de maneira criativa, efetiva e interativa, ampliando, assim, as funções já realizadas espontaneamente, como mostraram os dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014).

Enfatizando, Moran (2013) afirma, ainda:

Com as tecnologias atuais, a escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagem significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos a aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber tomar iniciativas e interagir. (MORAN, 2013, p. 31).

As tecnologias digitais ajudam a expandir a informação de maneira substancial e, ao mesmo tempo, assustadora. De acordo com Pérez Gómez (2015), até cem anos atrás, a informação produzida pelo homem e utilizada em seu dia a dia podia permanecer, inalterada, na maioria das vezes, por diferentes gerações¹. Atualmente, segundo esse autor, a informação gerada a cada dia é maior àquela encontrada no século passado, por exemplo.

É necessário reconhecer, portanto, que o telefone celular, tornou-se uma das tecnologias mais essenciais da comunicação da contemporaneidade, em todos os domínios de atividade humana, para a *distribuição da informação*, de acordo com o

¹ Cortella (2014) salienta que as gerações tinham um espaço de tempo de 25 anos entre elas, no passado, para o surgimento de uma nova geração; no entanto, as tecnologias aceleraram e encurtaram esse espaço, sendo possível identificar, atualmente, novas gerações em um intervalo de dois a três anos de uma para outra, ainda de acordo com o pensamento de Cortella (2014).



ponto de vista de Castells (2003). Como salientam McQuiggan et al. (2015) e Sonogo et al. (2016), por exemplo, o telefone móvel conquistou uma façanha pouco alcançada por qualquer outra tecnologia na história da humanidade, a saber, conseguiu sua legitimação entre os usuários como a ferramenta tecnológica mais popular e acessível.

Assim sendo, reconheço, portanto, que a prática de uso do telefone celular é uma tecnologia catalizadora, que torna a informação mais disponível, “totalmente instantânea, gratuitamente acessível” (FAVA, 2016, p. 10), a um maior número de pessoas, em qualquer instante e lugar, tornado-se uma *demand social* (BRAGA, 2013) e, também, uma *demand educacional* (KENSKI, 2012; MUNHOZ, 2016).

Tendo em vista as colocações anteriores, o objetivo do presente artigo é apresentar o olhar reflexivo de dois alunos do curso de Letras-Inglês de uma universidade federal do norte do país a respeito do uso do telefone celular em sala de aula para fins pedagógicos. Assim sendo, em um primeiro momento, trago reflexões sobre o uso do telefone celular na contemporaneidade articuladas com a educação. Em seguida, apresento o contexto de geração dos dados da pesquisa. Logo após, menciono os dados e suas interpretações. Por fim, teço comentários sobre as considerações finais.

1 O telefone móvel na educação

De acordo com a história da humanidade, o telefone celular tornou-se uma das tecnologias digitais mais difundidas, adotadas e utilizadas pelas pessoas depois do computador e da Internet (MCQUIGGAN et al., 2015; SONEGO et al., 2016; UNESCO, 2014). Por conseguinte, Merije (2012) salienta que essa tecnologia se difunde a partir de 1990 no Brasil, tornando-se, na atualidade, o dispositivo móvel e sem fio mais popular entre jovens² e adultos, e também agora entre as crianças. Naturalmente, o

² Merije (2012, p. 17) reporta que o aparelho de *smartphone* está se tornando cada vez mais o primeiro computador para muitos jovens, “pela convergência de funcionalidades, pelo preço e, principalmente, pela mobilidade”.



telefone celular está se tornando um computador de bolso nos dias atuais e cada vez mais versátil e funcional.

Por sua vez, com base nas ideias de McQuiggan et al. (2015), a popularização desse aparelho móvel deve-se às facilidades de uso que o celular vem proporcionando às pessoas ao redor do mundo, a saber, acessibilidade de preço (qualquer pessoa pode adquirir um aparelho independente do custo, desde os mais simples aos mais sofisticados), mobilidade (o aparelho funciona em qualquer lugar), portabilidade (extremamente leve, o celular pode ser carregado para qualquer lugar e em qualquer lugar, como bolsas, bolsos de roupas, mochilas, entre outros), acesso à informação (o celular pode estar ligado e interligado à internet), funcionalidade (disponibilidade de diferentes aplicativos como calculadora, conversor de moeda, cronômetro, tradutor de línguas, gravador de voz, filmadora, câmera, bloco de anotações, Internet, entre outros), facilidade de troca (as pessoas podem trocar seu aparelho de acordo com sua situação financeira e preferência de marca e modelo), onipresença (é a tecnologia móvel-sem-fio-interativa mais usada no mundo), tamanho (os aparelhos cabem cada vez mais na palma da mão), espessura (o celular está ultimamente mais fino), entre outros fatores.

É mister ressaltar a evolução notória que o telefone celular vem sofrendo no decorrer dos anos, mudando o cotidiano de bilhões de pessoas ao redor do mundo (SERRES, 2013). Além de as funções de comunicação, informação e mídia, as pessoas usam o telefone celular para realizar pagamentos, ler códigos de barras e QRcodes, realizar transações bancárias, monitorar câmeras de segurança instaladas no trabalho e na residência, fazer compras, consultar e-mails, entre outras situações (MCQUIGGAN et al., 2015; SONEGO et al., 2016).

Nessa direção, esse aparelho móvel torna-se, cada vez mais, uma tecnologia sem limite (MERIJE, 2012), razão pela qual, conforme pontuam McQuiggan et al. (2015) e Sonogo et al. (2016), as pessoas o usam cada vez menos para falar entre si, ou seja, as ligações telefônicas adquirem uma função menos usual entre as pessoas na contemporaneidade com essa tecnologia sem fio.

Diante do exposto, o telefone celular pode se tornar também uma potente interface tecnológica móvel e sem fio a ser usada na prática pedagógica no contexto



de sala de aula para o ensino-aprendizagem, apesar da legislação de muitos estados e municípios proibirem seu uso em diversos estabelecimentos de ensino brasileiros. É válido mencionar que a maioria das escolas brasileiras da rede pública estadual e municipal da Educação Básica proíbem o uso de aparelhos celulares e equipamentos eletrônicos, como *smartphones*, MP3, MP4 e *tablets* dentro das salas de aulas. Não obstante, o Estado de São Paulo, a partir da Lei nº 16.567, aprovada no dia 06 de outubro de 2017, autoriza o uso do telefone celular em sala de aula, desde que seja para fins pedagógicos.

A meu ver, como professor e pesquisador, o número de Decretos proibitivos em muitos estados da federação de nosso país para o uso do celular nas escolas públicas estaduais e municipais, seja do Ensino Fundamental, seja do Ensino Médio, pode estar relacionado, basicamente, a alguns fatores, entre eles: (a) o uso do aparelho indevidamente parece ocasionar distração dos alunos durante a aula, enviando mensagens, jogando ou usando as redes sociais, por exemplo; (b) turmas numerosas parecem dificultar o controle de uso do celular pelo professor; (c) pode comprometer o rendimento escolar de crianças e jovens; (d) pode atrapalhar a aula do professor; (e) acesso indevido a sites de pornografia e violência (caso a escola disponha de rede de internet sem fio ou a Internet esteja disponível no aparelho do aluno); (f) uma potencial ferramenta para cola via mensagem de texto ou pelo *WhatsApp* durante as avaliações; (g) pode promover também *bullying*.

O telefone celular precisa se tornar um aliado, uma potente interface tecnológica no trabalho pedagógico do professor em sala de aula, na tentativa de tornar o ensino-aprendizagem motivador, reflexivo e desafiador, tanto para professores, como para alunos. Por essa razão, a UNESCO (2014) apresenta treze benefícios que a aprendizagem móvel pode trazer para a educação, pois, atualmente, é uma realidade concreta e bem acessível a bilhões de pessoas no planeta. São eles:

- Expandir o alcance e a equidade da educação
- Facilitar a aprendizagem individualizada
- Fornecer retorno e avaliação imediatos
- Permitir a aprendizagem a qualquer hora, em qualquer lugar
- Assegurar o uso produtivo do tempo em sala de aula
- Criar novas comunidades de estudantes
- Apoiar a aprendizagem fora da sala de aula
- Potencializar a aprendizagem sem solução de continuidade



- Criar uma ponte entre a aprendizagem formal e a não formal
- Minimizar a interrupção educacional em áreas de conflito e desastre
- Auxiliar estudantes com deficiências
- Melhorar a comunicação e a administração
- Melhorar a relação custo-eficiência (UNESCO, 2014, p. 12-28).

A escola atual³ precisa pensar que o aluno de hoje cresce com os celulares, os videogames, os *downloads* de músicas, vídeos e jogos digitais, a Internet, as redes sociais. É uma geração que usa a tecnologia “24/7” (VEEN; VRAKING, 2009, p. 40), conectada e integrada aos ambientes digitais vinte e quatro horas por dia, durante os sete dias da semana, usa os dispositivos móveis com frequência, razão pela qual os teclados do computador e o *mouse* se tornaram acessórios do passado para essa juventude. Assim, de acordo com a UNESCO (2014, p.16), “como as pessoas, na maior parte do tempo, levam consigo aparelhos móveis, a aprendizagem pode ocorrer em momentos e locais que antes não eram propícios à educação”. Como bem salientam Gil e Hernández-Hernández (2016), as salas de aula deste novo século não conseguem acompanhar as mudanças e os desafios da educação na contemporaneidade digital.

Frente a esses argumentos, Barbosa (2017), em pesquisa realizada com tecnologias na educação, ressalta que o telefone móvel ainda é uma ferramenta pedagógica pouco utilizada na escola. A pesquisa mostra que apenas 31% dos alunos relataram usar a Internet para fins educacionais por meio de o uso do celular no contexto escolar. De acordo ainda com a pesquisa, o fator que leva ao baixo índice de utilização dessa tecnologia digital móvel como ferramenta pedagógica deve-se, principalmente, às restrições de acesso à rede *Wi Fi* da escola, ou seja, “enquanto 92% das escolas possuíam rede *WiFi*, 61% dos diretores afirmaram que o uso dessa conexão não é permitido aos alunos.” (BARBOSA, 2017, p. 29).

Diante das reflexões colocadas até o momento, penso que a escola precisa se adaptar e trazer para a sala de aula o que é inócuo fora dela, ou seja, a onipresença e a versatilidade do uso do telefone celular. Apesar de muitos contextos educacionais ignorarem ou estarem impedidos de usá-lo, devido os Decretos Estaduais ou Municipais, o telefone móvel, assim como qualquer tecnologia digital, deveria estar

³ Bates (2016, p. 55) salienta que “nossas instituições educacionais foram construídas em grande parte para outra era, baseada em uma era industrial, em vez de digital.”



integrada funcionalmente às atividades pedagógicas de ensino-aprendizagem, deixando de ser um instrumento de entretenimento, sem propósitos educacionais, em sala de aula. Assim sendo, comungo mais uma vez com as ideias de Barbosa (2017, p. 27) ao apontar que o uso e o acesso às tecnologias digitais na educação (como, por exemplo, o telefone celular) podem ser relevantes insumos na cultura digital dos alunos como forma de “garantir a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, bem como promover oportunidades de aprendizagem para todos ao longo da vida”.

Com base nas considerações apresentadas, as escolas podem se tornar mais flexíveis para esses Decretos, como aconteceu no estado de São Paulo, em 2017, no sentido de autorizarem os seus professores a usarem o celular em sala de aula para fins didáticos (MERIJE, 2012), considerando que as crianças, os jovens e os adultos, conhecidos como *geração mobile* (MERIJE, 2012) ou *geração polegar* (SERRES, 2013), estão cada vez mais conectados. Diante de tais premissas, a UNESCO (2014, p. 42) pontua que o celular, como um aparelho móvel, está longe de se tornar uma novidade passageira e sua utilidade como ferramenta educacional “provavelmente se ampliará e, juntamente com ela, seu papel central para a educação, tanto formal quanto informal”.

Assim sendo, as tecnologias, como o telefone celular, mudaram, substancialmente, a maneira de as pessoas realizarem as atividades do dia a dia; os sábios digitais (PRENSKY, 2012) estão mais conectados virtual e simultaneamente, interativos, sempre criando novas maneiras de colocar em prática suas ideias a partir das tecnologias digitais disponíveis.

2 Contexto de geração dos dados

Esta pesquisa se configura como um estudo de caso (STAKE, 1995), cujos dados foram gerados durante a disciplina curricular do curso de Letras “Tecnologias no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras”, com carga horária de 68 h/a. Por limitação de espaço neste artigo⁴, trago, apenas, o olhar de dois dos participantes da

⁴ O presente artigo é um recorte da tese de doutorado intitulada *Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação para fins Educacionais na Formação Inicial de Professores de Inglês (2017)*, sob **Hipertextus Revista Digital** (www.hipertextus.net), v.19, Dezembro, 2018.



pesquisa com relação ao uso das tecnologias digitais/telefone celular no contexto de ensino-aprendizagem. Nessa direção, o objetivo do presente artigo é apresentar o olhar reflexivo de dois alunos do curso de Letras-Ingês de uma universidade federal do norte do país a respeito do uso do telefone celular em sala de aula para fins pedagógicos.

Assim sendo, os participantes que trago para este artigo se chamam Tom e Lukan, nomes fictícios atribuídos por eles próprios. Tom tinha 27 anos e cursou a Educação Básica em escola pública, à época da geração dos dados, Tom estava no sexto semestre do Curso de Letras-Ingês e trabalhava em um curso de idiomas. Ele usava as tecnologias com frequência no dia a dia, principalmente, o telefone celular, que utilizava para ouvir músicas, realizar *download* de vídeos, livros e músicas, bater papo em redes sociais e consultar e-mails. Por sua vez, Lukan tinha 23 anos e cursou toda a Educação Básica em escola pública. Assim como Tom, estava no sexto semestre do Curso de Letras-Ingês e até aquele momento, não havia tido experiência com o magistério. Ele também usava as tecnologias todos os dias, principalmente seu *smartphone* para acessar as redes sociais e consultar dicionários *on-line*.

Como instrumento de pesquisa, utilizei a entrevista de maneira não-estruturada, ou seja, concordando com Yin (2016), foi organizada de acordo com as respostas do entrevistado e não conforme um roteiro com tópicos e questões previamente selecionados pelo pesquisador.

3 Resultado e discussões

Ao relatar sua opinião a respeito de possíveis entraves com o uso das tecnologias no ensino-aprendizagem de inglês, Tom demonstra sua preocupação com a proibição de uso de telefones celulares nas escolas, pois essa tecnologia está

orientação da Professora Dra. Rosinda de Castro Guerra Ramos no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com bolsa de financiamento da CAPES.



potencialmente presente no cotidiano de qualquer pessoa, como crianças, jovens e adultos, como mostra o excerto a seguir:

Entrevista 1

Marcus: [...] Mas eu queria saber a sua posição sobre o uso do celular na escola.

Tom: Eu li um artigo [...] que mencionava **a proibição do celular em muitas escolas**. É mesmo verdade, professor?

Marcus: Sim.

Tom: Isso é um retrocesso, então.

Marcus: Como assim?

Tom: **Como podem proibir o que todo mundo possui**, professor? Eu não entendo!

Marcus: O que você não entende?

Tom: **A escola está deixando de aproveitar uma ferramenta importante no ensino de inglês. Hoje todo mundo tem um celular, o adolescente, o adulto**, até mesmo as **crianças**, não é mesmo? por mais simples que seja o aparelho.

Marcus: Certo...

Tom: **O celular não é usado apenas para falar mais hoje em dia**, não é verdade? Muitas pessoas não usam o celular para fazer uma ligação.

Marcus: Hum, hum.

Tom: **A escola esquece que o aluno joga, acessa as redes sociais e a Internet também**. Tudo está no celular, às vezes de graça ou não. Mas está lá. E isso a escola parece que esquece.

Marcus: E essa tecnologia pode ajudar o professor?

Tom: Claro, professor. Esse é **novo laboratório (de informática) da escola** (risos).

Marcus: É mesmo? Por quê?

Tom: Com certeza, professor. Imagina... [...] **o aluno carrega calculadora, filmadora, dicionário, enciclopédia, tradutores, câmera fotográfica, programas de jogos e muito mais**, não é verdade?

Marcus: Carrega?

Tom: Sim, professor. Tudo isso tá no celular do aluno.

Marcus: Perfeito!

Tom: Então, professor, **a escola pode aproveitar tudo isso para ensinar inglês**. Como proibir uma tecnologia que faz parte do dia a dia do aluno?

É interessante observar que Tom parece não acreditar na proibição de uso do celular no contexto escolar a partir da leitura realizada de um artigo que menciona esse fato. Tom refere-se a leis estaduais e municipais que proíbem o uso de aparelhos celulares e equipamentos eletrônicos na maioria das escolas brasileiras das redes



públicas estaduais e municipais de ensinos fundamental e médio, como foi mencionado na fundamentação teórica deste artigo.

A surpresa para esse impedimento de uso fica em evidência quando Tom utiliza a expressão “É mesmo verdade, professor?”. Seu ceticismo pode ser confirmado por meio da resposta positiva do pesquisador. Assim sendo, Tom parece não compreender o porquê dessa proibição, pois qualquer pessoa, de qualquer idade, possui essa tecnologia a cada dia, “por mais simples que seja o aparelho (de celular)”, nas palavras do aluno-professor.

Tom declara também que o telefone celular deixa de ter a sua função primária na contemporaneidade, a saber, fica evidente, em sua fala no excerto mostrado anteriormente, que as pessoas não realizam mais ligação telefônica com muita frequência. Nesse sentido, o aluno passa a ter acesso a uma tecnologia mais acessível e gratuita ou de baixo custo, razão pela qual qualquer pessoa pode acessar as redes sociais e a Internet, além de jogar, usando apenas o telefone celular, realidade essa declarada pelo aluno-professor. Afinal, como bem destaca McQuiggan et al. (2015), o celular torna-se o principal meio tecnológico de comunicação e de compartilhamento entre as pessoas, na maioria das vezes.

O excerto da fala de Tom confirma a utilização do celular como uma potente ferramenta tecnológica no ensino-aprendizagem de inglês, sendo tão importante quanto o laboratório de informática da escola. Em outras palavras, pode-se deduzir pela sua fala que as mesmas atividades a serem realizadas nos laboratórios de informática da escola podem, também, ser efetuadas pelo telefone móvel, o que leva Tom a afirmar que esse seria “o novo laboratório da escola”. É possível verificar, inclusive, que o aluno-professor lista na entrevista uma série de aplicativos e interfaces tecnológicas que estão presentes nos celulares da maioria das pessoas, tais como “calculadora, filmadora, dicionário, enciclopédia, tradutores, câmera fotográfica, programas de jogos”, entre outros, o que mostra, assim, as potentes funcionalidades do telefone celular para fins pedagógicos.

Nesse sentido, como pode ser observado, Tom nos leva a refletir que não faz mais sentido excluir o uso das tecnologias digitais, como o telefone celular, no contexto de sala de aula, alegando, por exemplo, que a escola não dispõe de um



laboratório de informática moderno com equipamentos tecnológicos de última geração. Toda a modernidade necessária para usar as tecnologias pedagogicamente integradas ao ensino-aprendizagem cabe, atualmente, na palma da mão ou está presente no bolso de qualquer pessoa. Em outras palavras, o telefone móvel pode ocupar uma posição primária integrada às atividades desenvolvidas pelo professor no ensino-aprendizagem.

Frente ao exposto, a argumentação de Tom parece revelar que não se pode mais impedir o que está presente e consolidado no cotidiano do aluno. Assim, Tom termina sua fala com a pergunta “como proibir uma tecnologia que faz parte do dia a dia do aluno?”. Desse modo, parece que o aluno-professor está se questionando, e ao mesmo tempo surpreso pelo fato de os governos municipais e estaduais proibirem o uso de uma tecnologia na escola que já se encontra integrada e legitimada à vida das pessoas de maneira inata.

Interligando o pensamento de Tom, trago a visão de outro participante da pesquisa, Lukan, a respeito do uso do celular como uma interface digital-pedagógica para o ensino-aprendizagem de inglês, pois, segundo ele, essa interface é bem familiar aos alunos para atividades no cotidiano. O excerto a seguir ilustra seu ponto de vista:

Entrevista 2

Marcus: Na sua opinião, como futuro professor, que facilidades você aponta para o uso dos recursos tecnológicos?

Lukan: **Os alunos utilizam muito o computador, o telefone**, né? Então, se puder trazer isso para ensinar inglês ao aluno, vai ser bom.

Marcus: Bom em que sentido?

Lukan: Porque normalmente a gente proíbe, “não, não pode utilizar o computador em sala ou o *tablet* ou mesmo o celular”. Então **fazendo alguma atividade com a língua (inglesa) relacionada a isso** eles vão ficar mais livres.

Marcus: Livres para quê?

Lukan: **Eles estão mais acostumados a utilizar esses aparelhos no dia a dia [...]** que eles são em certo ponto viciados nessa tecnologia. Então, tirar vantagem disso [...] para ensinar inglês. Acho que daria um *upgrade* na aula.

É relevante salientar que Lukan revela uma conscientização de uso das tecnologias para fins pedagógicos, ou seja, inserir no contexto escolar dos alunos o **Hipertextus Revista Digital** (www.hipertextus.net), v.19, Dezembro, 2018.



que é familiar fora dele para aprenderem inglês, como, por exemplo, o telefone celular. Essa atitude de Lukan remete a sua preocupação com o ensino de inglês, inter-relacionando-o com as facilidades de uso que as tecnologias podem ocasionar.

O importante, segundo ele, não é mais proibir o uso das tecnologias (computador, *tablet* e celular) entre os alunos, mas agregá-las e tomá-las aliadas para o ensino da língua inglesa, o que pode se tornar um aspecto mais que positivo. Como bem salientam Bates (2016), o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014) e Fava (2016), as tecnologias são interfaces catalisadoras para práticas didático-pedagógicas que podem se tornar motivadoras e transformadoras no processo de ensino-aprendizagem. Em linhas gerais, Lukan parece entender que as tecnologias, como o telefone celular, o computador e o *tablet*, se tornam relevantes para ensinar e aprender inglês, além de ser uma forma de inovação no contexto de sala de aula.

Seguindo por essa direção, torna-se, assim, relevante a inclusão da cultura digital no ambiente de sala de aula, cada vez mais presente na sociedade atual, pois como defendem Iannone, Almeida e Valente (2016),

a escola que participa da cultura digital e dialoga com ela assume papel central na formação de estudantes com autonomia para tomar decisões, argumentar em defesa de suas ideias, trabalhar em grupo, atuar de forma ativa e questionadora diante dos acontecimentos, dificuldades e desafios, e participar do movimento de transformação social. (IANNONE; ALMEIDA; VALENTE, 2016, p. 62).

Precisa-se articular e levar todo o potencial das tecnologias para dentro da escola e da universidade, tornando-as funcionais e educacionais para as necessidades reais, tanto de professores, como de alunos; caso contrário, como aponta o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014), as tecnologias, como, por exemplo, os telefones celulares, serão apenas mais uma interface digital complementar ou ilustrativa, sem propósitos educacionais e com pouca ênfase (ou nenhuma) para a construção do conhecimento, como muitos materiais instrucionais analógicos disponíveis no mercado. O que me leva a acreditar que o professor, de maneira geral, ao incluir as tecnologias em sua disciplina curricular nas escolas, deva



pensar como as tecnologias podem contribuir e colaborar para a aprendizagem dos alunos.

4 Considerações finais

Ao considerar as falas de Tom e de Lukan na seção anterior, ressalta-se a necessidade de revisão das leis estaduais e municipais brasileiras para que o uso do telefone móvel possa ser permitido nas escolas públicas brasileiras, como ocorreu no estado de São Paulo em 2017, como uma tecnologia digital integrada ao processo de ensino-aprendizagem e catalizadora para a construção de conhecimento.

Concordo com Tom e Lukan quando afirmam não fazer mais sentido proibir o uso na escola daquilo que faz parte do cotidiano da maioria das pessoas na atualidade, sejam crianças e adolescentes ou adultos, pois, conforme salientam Veen e Vrakking (2009), os telefones celulares são usados com muita frequência, tornando os teclados do computador e o *mouse* cada vez menos usados na era digital. Nessa direção, não seria cauteloso generalizar uma questão como essa, mas o pensamento desses autores me leva a afirmar também, com base nas pesquisas do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014) e nas ideias de Barbosa (2017) e Merije (2012), por exemplo, que o telefone celular se torna uma das tecnologias mais usadas, possivelmente, por ser uma tecnologia acessível para muitas pessoas, por ser extremamente leve, por funcionar em qualquer lugar e por ser fácil de carregar (portabilidade).

A permissão do uso do celular poderia solucionar os vários problemas tecnológicos enfrentados por muitas escolas brasileiras, dentre eles não possuir um laboratório de informática bem equipado para atender às necessidades de seus alunos, na maioria das vezes. Isso posto, o telefone móvel estaria dentro da sala de aula, como uma interface digital pedagógica, com todas as suas funcionalidades e potencialidades, constituindo-se como o “novo laboratório de informática”, como salientou Tom no excerto da entrevista 1. Em outras palavras, a tecnologia não estaria mais em uma sala trancada na escola, com grades e cadeados, por questão de segurança, com acesso a poucas pessoas, mas na palma da mão de muitos alunos e



professores. O que me leva a concordar com Sancho (2006, p. 18) ao afirmar que as tecnologias “estão aí e ficarão por muito tempo, estão transformando o mundo e deve-se considerá-las no terreno da educação.”

Portanto, provavelmente, com o uso autorizado do telefone móvel em sala de aula, os alunos poderiam envolver-se em suas aprendizagens, com atividades relacionadas diretamente às suas necessidades e aos seus interesses, ou seja, o aluno passaria a ser autor de sua própria aprendizagem. Assim sendo, corroboro o pensamento de Pischetola (2016, p. 50) ao ponderar que “as novas gerações não conseguem imaginar como seria aprender fora do mundo digital, onde as oportunidades de participação, criação e compartilhamento são inúmeras e cada vez mais sofisticados”. Por essa razão, o aluno hoje não aprende para fazer, mas aprende-fazendo (VEEN;VRAKING, 2009).

Isso posto, é possível aprender e ensinar inglês por meio dessa tecnologia (telefone celular). No entanto, entendo que é preciso que o professor possa fazer as adaptações necessárias à sua prática, para atender às necessidades e às expectativas de seus alunos. Diante disso, não há como negar a importância da inserção das tecnologias/telefones celulares no contexto educacional brasileiro da contemporaneidade.

Referências

BATES, A. W. T. **Educar na era digital**: design, ensino e aprendizagem. São Paulo: Artesanato Educacional, 2016.

BARBOSA, A. F. **Introdução**. In: Pesquisas sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017.

BRAGA, D. B. **Ambientes digitais**: reflexões teóricas e práticas. São Paulo: Cortez, 2013.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.



COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas**: TIC Educação 2013. São Paulo: CGI.br, 2014.

CORTELLA, M. S. **Educação, escola e docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

FAVA, R. **Educação para o século 21**: a era do indivíduo digital. São Paulo: Saraiva, 2016.

GIL, J. M. S., HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, F. Dos “porquês” e “comos” por trás de uma pesquisa sobre aprender a ser docente de ensino fundamental. In: GIL, J. M. S., HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, F. (org.). **Professores na incerteza**: aprender a docência no mundo atual. Porto Alegre: Penso, 2016.

GÓMEZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

IANNONE, L. R.; ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Pesquisa TIC Educação: da inclusão para a cultura digital. In: **Pesquisas sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras**: TIC Educação 2015. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

LABRA, J. P.; CATASÚS, M. G.; AVI, B. R. La innovación y La tecnologia educativa como base de La formación inicial del professorado para La renovación de La enseñanza. **RELATEC** – Revista Latinoamericana de Tecnologia Educativa. v. 14, n. 1, p. 101-114, 2015. Disponível em <http://relatec.unex.es>. Acesso em 30 jan. 2018.

MCQUIGGAN, S. et al. **Mobile learning** – a handbook for developers, educators, and learners. New Jersey: Wiley, 2015.

MERIJE, W. **Mobimento**: educação e comunicação mobile. São Paulo: Peirópolis, 2012.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: Moran, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª ed. rev. e atual. Campinas: Papyrus, 2013.

MUNHOZ, A. S. **Projeto instrucional para ambiente virtuais**. São Paulo: Cenage Learning, 2016.



PISCHETOLA, M. **Inclusão digital e educação**: a nova cultura da sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2016.

PÉREZ GÓMEZ, Á. I. P. **Educação na era digital**: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.

PRENSKY, M. **From digital natives to digital wisdom**: hopeful essays for 21st century learning. California: Corwin, a Sage Company, 2012.

SANCHO, J. M. De tecnologias da Informação e Comunicação a Recursos Educativos. In: SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. (org.). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SERRES, M. **Polegarzinha** – uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SONEGO, A. H. S. et al. Mobile learning: pedagogical strategies for using applications in the classroom. INTERNATIONAL CONFERENCE MOBILE LEARNING, 12th Vilamoura, Algarve, Portugal. **Proceedings...** Vilamoura: IADIS, 2016. 186 p.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. Londres: SAGE Publications, 1995.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel**. 2014.

VEEN, W.; VRAKING, B. **Homo zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.